



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PALOMA MARIA FERREIRA DA SILVA

**EXPLORANDO A ALFABETIZAÇÃO DE FORMA LÚDICA: ESTRATÉGIAS PARA
ENRIQUECER A PRÁTICA ALFABETIZADORA**

BRASÍLIA

2024

PALOMA MARIA FERREIRA DA SILVA

**EXPLORANDO A ALFABETIZAÇÃO DE FORMA LÚDICA: ESTRATÉGIAS PARA
ENRIQUECER A PRÁTICA ALFABETIZADORA ATRAVÉS DA LUDICIDADE**

Trabalho de Final de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação na Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira.

BRASÍLIA

2024

PALOMA MARIA FERREIRA DA SILVA

EXPLORANDO A ALFABETIZAÇÃO DE FORMA LÚDICA: ESTRATÉGIAS PARA ENRIQUECER A PRÁTICA ALFABETIZADORA ATRAVÉS DA LUDICIDADE

Trabalho de Final de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação na Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada em:

Brasília-DF, ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Paula Gomes de Oliveira (Orientadora)

Departamento de Métodos e Técnicas/ MTC
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Cristina Massot Madeira Coelho (Examinadora interna)

Departamento de Teorias e Fundamentos/ TEF
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Tânia Borges Ferreira (Examinadora externa)

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal/ SEEDF

Professor Doutor Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe (Suplente)

Departamento de Métodos e Técnicas/ MTC
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus e Nossa Senhora por durante toda vida ter guiado os meus passos, permitindo que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha mãe que sempre me incentivou e fez o possível para que eu continuasse meus estudos.

Agradeço à minha avó, que ajudou a me criar com muito amor e dedicação, merecendo um reconhecimento especial; se hoje posso escrever essas palavras, é graças à sua luta.

À minha família, que esteve ao meu lado em todos os momentos, em especial meu tio Giovani e meu irmão João Paulo, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço ao Daniel, meu parceiro de vida e melhor amigo, que compartilhou todas as vivências do meu lado, deixando a vida muito mais leve e feliz.

Agradeço aos meus amigos de vida, que fizeram parte de todas as etapas, obrigada pelas memórias afetivas que construímos juntos.

Agradeço às minhas amigas e colegas de faculdade, que transformam os dias cansativos em momentos incríveis.

Agradeço à preceptora e amigos da residência, cuja companhia nessa jornada tornou-a ainda mais afetiva e regada de aprendizado.

Agradeço aos meus supervisores de estágio e colegas, que sempre me incentivaram a continuar e tornaram a vivência do estágio em um ambiente constante de aprendizado.

Agradeço a Professora Paula Gomes por sua orientação, paciência e valiosos ensinamentos ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho.

Viver a Universidade não seria possível sem o apoio e incentivo de tantas pessoas; a todos que puderam contribuir para minha trajetória, expresso minha imensa gratidão.

*“A educação é um ato de amor e,
por isso, um ato de coragem.”*

Paulo Freire

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
PARTE I - Memorial	8
PARTE II - Artigo Científico	23
RESUMO	23
INTRODUÇÃO	25
ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	27
PSICOGÊNESE DA ESCRITA NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO	29
A LUDICIDADE NA PRÁTICA ALFABETIZADORA	33
EXPLORANDO AS ROTAS DA PESQUISA: MÉTODOS E ABORDAGENS	35
ACHADOS E PROPOSIÇÕES DA PESQUISA	37
Desenvolvimento do Grupo Pré-Silábico	39
Pote das vogais	39
Trinca das vogais	41
Desenvolvimento do Grupo Silábico	43
Bingo das letras	43
Lousa de Palavras	45
Desenvolvimento do Grupo Silábico-Alfabético	47
Brincando com dados	47
Bingo das sílabas	48
Desenvolvimento do Grupo Alfabético	50
Show de perguntas e respostas	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é composto por duas partes:

- Parte I - Memorial;
- Parte II - Artigo científico.

PARTE I - Memorial

Viver é memorável, e visitar todo o caminho percorrido até aqui acarreta uma felicidade e uma saudade indescritível. Com o sentimento de gratidão e dever cumprido, escrevo esse memorial.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Minha trajetória de vida teve início no dia 2 de outubro de 2001, nasci e cresci na região administrativa Ceilândia, em Brasília. Fui criada pela minha mãe e a minha avó, duas mulheres fortes e guerreiras. Passava a maior parte do tempo com a minha avó, para que minha mãe pudesse trabalhar e sustentar a casa. E o fato de ser criada por duas mulheres me faz ver de onde vem minha força hoje e minha independência.

A vida é um grande sonho, no qual caímos, levantamos, batemos a poeira e continuamos, e minha vida sempre foi assim. Desde nova tinha muito medo da escola, a minha primeira experiência foi bastante difícil: eu chorava todos os dias e não pude continuar pelo fato do meu choro atrapalhar outros colegas. Por conta desse fato, meu primeiro ano escolar foi interrompido por eu não estar acostumada a ter outras experiências, então a minha mãe desistiu de me levar à escola.

Chegando o outro ano, minha mãe tentou novamente que eu me acostumassem com a rotina escolar, e mais uma vez ela me levou à escola, mas dessa vez deu certo. Nos primeiros dias ainda tinha muito medo e receio de estar ali, mas durante o tempo fui me acostumando, e assim começa a minha trajetória na educação.

Ensino Fundamental 1

O fato de eu ter muito medo de ir para a escola me acarretou atraso, sendo assim, adentrei no meio estudantil diretamente no fundamental 1.

Estudei em escola pública durante toda minha vida, me considero cria de escola pública e tenho muito orgulho de falar isso.

A minha primeira experiência foi na escola classe 11, que fica localizada em Ceilândia, em que carrego um carinho enorme por lá. Lá pude fazer amizades que carrego no meu coração até hoje, tenho certeza que todas as experiências vividas me fizeram chegar até aqui com força e coragem.

No meu primeiro ano, tinha uma professora que era muito rígida com os alunos e isso me acarretava muito frio na barriga e medo, ao ponto de eu nunca ter coragem de tirar dúvidas. Um dos episódios em que, infelizmente, me lembro até hoje foi relacionado a alfabetização. Lembro-me de estar aprendendo a escrever e eu tinha grande dificuldade de escrever o “A” com a ponta, então escrevia ele arredondado. Certo dia minha professora percebeu e veio me corrigir, de forma ríspida ela pegou no meu braço e me ajudou a escrever, isso me deixou muito nervosa, e quando ela me pediu para que eu fizesse sozinha, por conta do nervosismo, não consegui e isso a deixou extremamente nervosa e ela começou a gritar “Como você não consegue fazer um “A” direito?”. Essa fase do fundamental 1 me trouxe muitos questionamentos, e hoje, como futura pedagoga, carrego um: Como realizar um ensino em que eu posso ajudar meus alunos e não traumatizá-los? E assim veio um dos pontos de partida do meu trabalho em questão.

Apesar dos pesares ocorridos, essa fase estudantil me trouxe grandes memórias afetivas, em que eu carrego até hoje com muito carinho no coração. As amizades e alguns dos professores que eu pude conviver, fizeram parte da minha vida e contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, sou extremamente grata a todos.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Fundamental 2 - Parte 1

Após passar por toda a fase do fundamental 1, passei para o fundamental 2. Todos os alunos que estudavam na escola classe 11, eram transferidos diretamente para o Centro de Ensino Fundamental 20, uma escola que era integral.

Estudar no 20, como chamávamos, me trouxe medos, era uma escola nova, onde eu não tinha apenas um professora para todas as disciplinas, mas sim diversos professores, e além disso, era uma escola integral que eu entrava às 7h30 e só saía às 17h30. Essa fase de adaptação foi muito complicada, pois a minha rotina mudou da água para o vinho e isso me acarretou muitas angústias.

Após toda adaptação comecei a amar o 20, pois passava o dia todo com as minhas amigas, os meus professores eram incríveis. Na parte da manhã eu tinha as disciplinas do plano curricular e na parte da tarde disciplinas extra-curriculares. Eu achava um máximo ir à escola e amava os conteúdos, inclusive sendo aluno destaque em todos os bimestres, pois a escola usava isso como um dos métodos avaliadores.

Além disso, o 20 me trouxe muita autonomia, o fato de eu ter que passar o dia todo na escola, realizar os deveres de “casa” também lá, as atividades

extracurriculares, tudo isso contribuiu para que eu me tornasse um sujeito autônomo.

Eterna gratidão ao 20 e a todas as pessoas que traçaram o caminho, de alguma forma sei que fez diferença em minha vida.

Porém como tudo não é como a gente quer, tive que mudar de cidade, me mudei para a Região Administrativa Samambaia, de Brasília, e conseqüente, mudei de escola, o que me deixou extremamente triste.

Fundamental 2 - Parte 2

Descobrir que iria mudar de escola me acarretou muita tristeza, pois a minha vida inteira foi na Ceilândia, uma mudança brusca dessa forma me deixou assustada, pois lembrava como foi a minha adaptação no 20 e passar por uma nova adaptação não estava nos meus planos.

Cheguei em Samambaia no começo do ano, e ainda não tinha conseguido uma vaga em alguma escola por lá, minha mãe chegou até a pensar que talvez eu tivesse que precisar ir para a Ceilândia sozinha todos os dias, para a aula, de ônibus, por medo de não conseguir vaga, mas depois de dias “acampando” em portas das escolas em Samambaia, ela conseguiu me matricular no Centro de Ensino Fundamental 404.

Meu primeiro dia de aula no 04, foi após duas semanas que as aulas haviam começado, o que me deixou ainda mais com medo. Cheguei na escola e já estava tudo ajustado, todos os grupos de amigos fechados e o conteúdo em andamento. O que fez que eu me atrasasse bastante na escola, pois comparando o 20 com o 04, o conteúdo do 04 era bem mais avançado e isso me deixou um pouco perdida no tempo, mas felizmente encontrei mais professores incríveis que me auxiliaram e me deram suporte.

O 04 era uma escola de um turno apenas, e eu estudava no vespertino. Era uma escola muito organizada e isso fez com que minha adaptação fosse mais rápida. Na segunda semana de aula eu já estava adaptada, já tinha feito amigos e amava ir à escola.

Uma das atividades mais interessantes que aconteciam no 04, que guardo muitas memórias afetivas, era o gincão. Era uma atividade que durava a semana toda. Eles envolviam brincadeiras, jogos, competições e conteúdo. Montamos uma equipe com 3 turmas da escola e assim nos juntamos para a realizar a competição.

Era uma semana incrível, em que vivíamos a experiência do gincanão, evento esse que gerava muita interação social e muitas felicidades entre alunos e professores.

O 04 me proporcionou grandes felicidades, queridos amigos em que até hoje tenho contato e posso compartilhar sobre a vida. Agradeço imensamente pelo acolhimento, as piadas, as felicidades e as vivências. E também aos meus professores solidários e necessários que me inspiro para estar aqui, sei que o empenho deles e a solidariedade me fizeram chegar aonde estou.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Ensino Médio

O ensino médio foi um período novo para mim. Após viver muitas experiências incríveis no fundamental 2, passar para o ensino médio, a última etapa da educação básica, gerou diversas cobranças.

Meu ensino médio foi cursado no Centro de Ensino Médio 414, em Samambaia. O 14, como chamamos, é praticamente a única escola que tem na área principal da Samambaia Norte, e por isso não são apenas os alunos do 04 que vão para lá, e sim de praticamente todas as escolas de fundamental 2 da área principal da Samambaia. Então, no meu primeiro ano do ensino médio eu não tive a sorte de ficar na mesma sala que os meus amigos do 04, a realidade é que todo mundo ficou em salas diferentes. E assim começou todo o processo de nova adaptação e novos amigos, o que foi muito interessante, pois nessa época eu já estava mais extrovertida, e tinha muita facilidade de fazer amizade.

O meu ensino médio foi marcado por muitas felicidades, muitas alegrias, muito estudo e muitos amigos. Costumo dizer, até hoje, que eu facilmente voltaria para o ensino médio e viveria tudo novamente, Foi uma fase da minha vida acalentadora. Os amigos que fiz e que tenho até hoje, as histórias vividas que hoje relembramos juntos e damos muitas risadas. As cobranças que dividimos em relação ao ensino superior e o que vinha depois do ensino médio. Acredito que ter os meus amigos durante aquela fase foi muito importante, e apesar de estarmos em uma fase que estávamos adquirindo maturidade, até as brigas por coisas aleatórias se tornaram necessárias para que pudéssemos ter história para contar agora.

Posso resumir o ensino médio em aconchego. Tive a possibilidade de continuar grandes amizades que vinham do fundamental 2 e fazer novas amizades que espero levar para a vida.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Vestibular

Juntamente com o ensino médio, começaram os vestibulares. Prestei apenas dois, ENEM e PAS.

Durante todo o ensino médio fui instigada a estudar para o PAS, embora no primeiro ano eu não conhecesse muito como era a prova, resolvi fazer. Já no segundo ano eu tive uma dedicação maior, tive a felicidade de compartilhar toda essa pressão com meus amigos, que para deixar tudo mais leve, sempre compartilhamos dos nossos surtos.

A terceira etapa do PAS já foi mais pesada, a pressão era maior, era um medo muito grande de não conseguir passar, sempre me questionando o que eu faria se não passasse, era meu último ano no ensino médio, então na minha cabeça eu teria que ter um futuro e queria que isso fosse realizado de forma rápida.

Minha mãe não podia me colocar em um cursinho pago, por conta das condições financeiras, então durante muito tempo eu tive que estudar sozinha, com auxílio de vídeo aulas no youtube. Porém estava se tornando muito cansativo, pois na minha cabeça eu não conseguia avançar nos conteúdos.

Tendo em vista a situação, busquei ir atrás de algum cursinho gratuito e assim conheci o GALT.

O GALT é um cursinho gratuito para estudantes de escola pública. Me inscrevi em um intensivão do PAS e fui chamada na primeira chamada. E assim começou mais uma etapa em busca da aprovação da UnB. Acordava às 6h e ia para a escola, que ficava na samambaia, as aulas acabavam às 12h30 e eu tinha que estar na UDF, onde era as aulas do GALT, às 14h da tarde, para minha primeira aula do dia. Não dava tempo de almoçar, então eu saía da escola na correria, e mais uma vez a amizade se fez presente na minha vida, como um ponte de afeto e acalento, junto com uma amiga que tive o prazer de compartilhar essa trajetória, pude dividir essa correria todos os dias. Pegávamos o ônibus e chegávamos na aula, que acabava às 18h. Depois da aula íamos para casa, porém só chegava às 21h, pois o ônibus demorava muito e pegava muitos engarrafamentos. Mas agradeço até os perrengues passados, foram necessários para escrever essas memórias e para que eu pudesse realizar mais um sonho, passar na UnB.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Universidade de Brasília



Fonte: Acervo pessoal da autora

Passar no PAS foi uma experiência que eu não estava pronta para viver, foi de repente, lembro que no dia que iria sair o resultado eu desliguei o meu celular, pois achava que não havia passado. Liguei meu celular 1h depois que o resultado saiu e meu celular travou de tantas mensagens. PASSEI NA UNB! O sentimento foi incrível, era uma ansiedade, um alívio, um medo, felicidade, era um mix de sentimentos, não consegui acreditar até receber minha matrícula.

Logo após receber minha matrícula e saber a data do primeiro dia de aula, já comecei a me organizar, já tinha feito um roteiro de como seria minha vida, mas infelizmente tive que adiar essa rotina, pois chegou a inesperada quarentena, por conta da pandemia do COVID-19.

Estar na UnB e viver a experiência do ensino remoto me trouxe muitas angústias, porém mais uma vez fui acalentada. Tive a oportunidade de participar de aulas com professores INCRÍVEIS, em que se importam muito com a realidade do aluno naquele momento, a empatia prevaleceu naquele período, agradeço a Faculdade de Educação, pelos professores tão extraordinários.

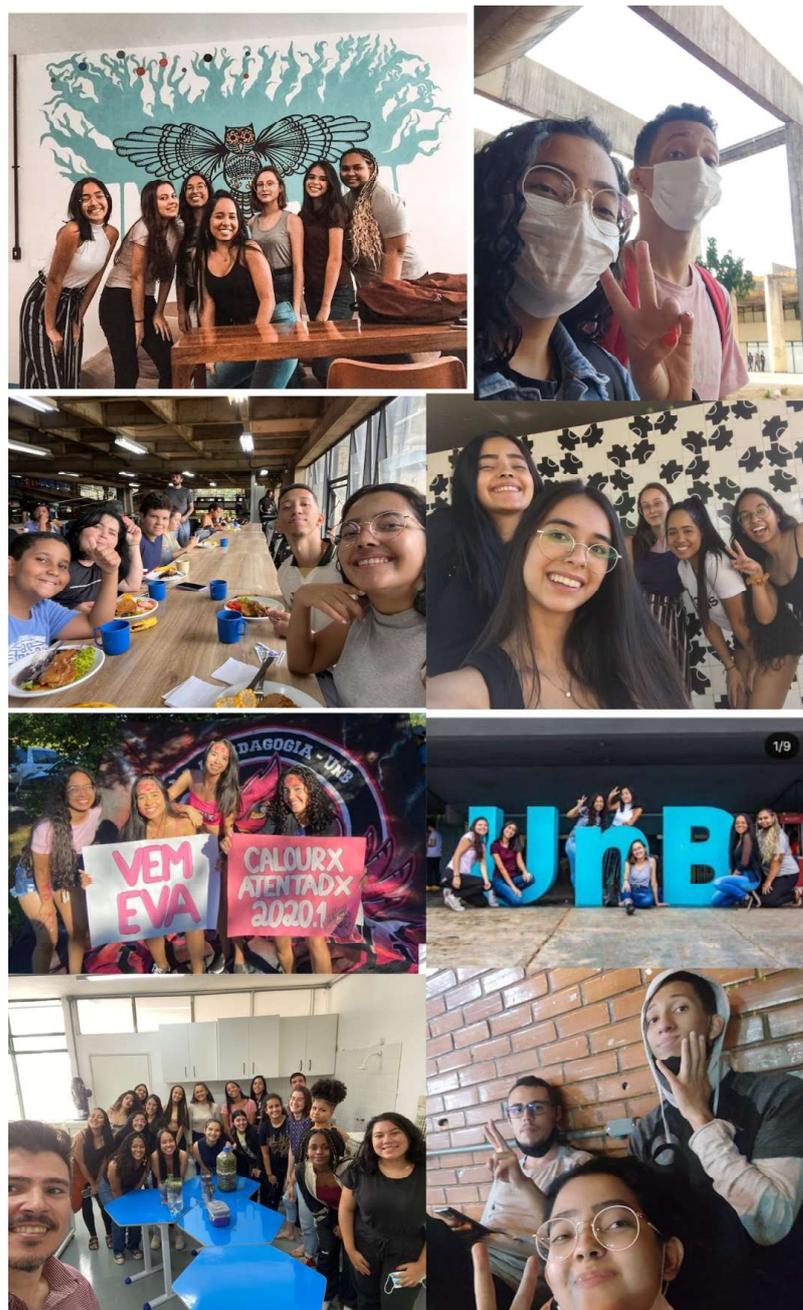
Durante a pandemia foram muitos surtos vividos, muitas vontades de desistir do curso, muitas angústias. Mas depois de 4 semestres que pareciam que nunca iriam acabar, podemos voltar para a UnB e viver esse lugar incrível.

A UnB é uma experiência, regada de afeto, amizades, surtos, memórias e estar nela nos faz mais felizes, UnB é lugar de paz. Estar em uma universidade pública, principalmente a de Brasília me fez com certeza uma pessoa mais feliz e sou muito grata por isso.

Foram 5 semestres vividos na UnB presencial, muitos semestres de aprendizados mútuos, em diferentes espaços dali. Ir para o presencial acarretava medos, pois após 4 semestres no ensino remoto, ter se acostumado, a interação social era apenas em uma tela, então ir para o presencial era uma nova experiência, pois quando passei na UnB já fui direto para o remoto. Mas é uma experiência inesquecível, viver a Universidade é inexplicável.

E além dela ser um presente, ela me trouxe mais presentes. Na UnB tive oportunidades de levar muitas amizades adiante, tive a grande sorte de passar no vestibular junto com os meus amigos, aqueles que se fizeram presente em todos os momentos de desespero. Também tive a chance de fazer muitas outras amizades, que hoje agradeço por estarem presentes em todos os momentos da graduação, quem tem um amigo, tem tudo, e posso dizer que junto comigo tenho as melhores pessoas que a vida poderia me presentear.

Porém, infelizmente a realidade da UnB para as pessoas que precisam da sua independência financeira não é fácil, e junto com todos os afetos que ganhei, também tive que correr atrás da minha autonomia e independência.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Estágios

A universidade me trouxe muitas experiências e uma delas são os estágios. Tive a oportunidade de fazer estágios não obrigatórios e obrigatórios. E como a pedagogia é uma área muito abrangente, tive oportunidade de realizar estágios na área da educação e no ambiente administrativo.

Meu primeiro estágio não obrigatório foi realizado em uma escola particular na Asa Sul. Os demais estágios relacionados à educação, foram os obrigatórios, como Fundamental 1, Educação Infantil e Gestão, que realizei em escola pública.

Todas as experiências vivenciadas no estágio foram enriquecedoras e trouxeram inúmeros aprendizados. A equipe pedagógica desempenhou um papel fundamental, proporcionando um ambiente apoiador, desenvolvendo uma orientação que se fez essencial para o meu desenvolvimento no estágio.

Tive também a oportunidade de estagiar na UnB, na parte administrativa. Esse estágio foi uma experiência diferente do que eu estava acostumada nos meus outros estágios, ele me mostrou como a área da pedagogia pode ser abrangente, sendo estendida para além da sala de aula. Ele me proporcionou grandes aprendizados, oferecendo uma visão mais ampla das possibilidades da atuação do pedagogo. Além de que me apresentou pessoas incríveis que guardo muitas memórias afetivas.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Residência Pedagógica

A UnB é repleta de oportunidades: PIBID, PIBIC, Projeto de Extensão, Residência Pedagógica e entre outras. E dentro dessas oportunidades tive a grande sorte de participar de uma que ganhou meu coração, a residência pedagógica.

Lembro do dia em que eu fiquei sabendo que tinha sido lançado o edital para a residência pedagógica, fiquei muito animada e logo fui me inscrever. A primeira etapa era por um formulário e a segunda era uma entrevista com os coordenadores da residência. Passei nas duas etapas, mas tinha um empecilho, eu não tinha horas suficientes na semana para me dedicar ao projeto, pois o meu

estágio não obrigatório demandava muito do meu tempo, então tive que ficar no cadastro reserva. Logo apareceu a oportunidade de fazer estágio na UnB, e como a carga horária era menor do que no outro estágio que eu estava, dava para conciliar com a residência. Então entrei em contato com a professora Maria Emília e ela me disse que tinha uma pessoa que havia desistido, que eu poderia entrar no lugar dela. Diante disso, começou minha trajetória na residência.

A residência tinha como projeto inserir os discentes das licenciaturas dentro de sala de aula e um dos projetos que o curso da pedagogia tinha, enquanto residentes, era relacionado a alfabetização.

A residência foi um presente. Estar ali, dentro de uma escola pública, atuando diretamente com as crianças, usando métodos, sendo professora, foi uma experiência indescritível. Dentro da escola atuamos com o projeto interventivo, com as crianças que estavam com déficit na alfabetização.

O projeto tinha como método envolver a ludicidade no ensino. Atuamos na alfabetização, inserindo como meio pedagógico os jogos. A realização desse projeto interventivo teve muito significado para mim, pois a Paloma pequenina, lá com seus 5 anos não teve oportunidade de sanar seus déficits de uma maneira acolhedora, como a Paloma de hoje pôde fazer. Mas eu tenho certeza que a pequenina deve estar muito orgulhosa de onde cheguei.

Eu pude ensinar e pude aprender enquanto residente. Acredito que mais aprendi do que ensinei. Aprendi com os amigos incríveis que fiz na residência, cujo pude dividir todas as fases, aprendi com a minha preceptora, Tânia, que sempre estava aberta a nos ensinar.



Fonte: Acervo pessoal da autora

As vivências que compartilho aqui são partes que nunca apagaria da minha história. Todo o caminho percorrido fez com que eu chegasse onde estou, com êxito. Agradeço a todas as pessoas que puderam contribuir, com um pouco que seja, em minha trajetória. Esse trabalho de conclusão de curso tem um pedacinho de cada ser que passou por mim e de alguma forma me ajudou com momentos únicos e preciosos de aprendizados, esses que foram cruciais para que eu me tornasse quem sou hoje. Que esse seja apenas o começo de novas experiências, aprendizados e aventuras que estão por vir.

PARTE II - Artigo Científico

EXPLORANDO A ALFABETIZAÇÃO DE FORMA LÚDICA: ESTRATÉGIAS PARA ENRIQUECER A PRÁTICA ALFABETIZADORA ATRAVÉS DA LUDICIDADE

Paloma Maria Ferreira da Silva¹

Paula Gomes de Oliveira²

RESUMO

A alfabetização e o letramento são conceitos importantes para o processo de ensino aprendizagem da criança no momento de apropriação do sistema de escrita alfabética, ou seja, na alfabetização. A criança alfabetizada tem como privilégio sua inserção no mundo, a fim de compreender a sociedade letrada, bem como às demandas do dia a dia. Esse processo ocorre de forma evolutiva, a partir da perspectiva psicogenética, segundo a qual por meio de hipóteses. Sendo essas: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética. Dependendo da abordagem durante essa fase, o processo de alfabetização pode se transformar em uma experiência desagradável. Posto isso, esse trabalho buscou identificar como a ludicidade pode estar presente na alfabetização dos alunos e como ela pode favorecer o processo da aprendizagem. Propõe-se assim realizar uma aplicação de estratégias com jogos, que envolvam alfabetização, letramento e ludicidade. Para isso utilizou-se uma abordagem qualitativa, utilizando como método de pesquisa o projeto interventivo. A pesquisa foi realizada em uma Escola Classe de Ceilândia, na qual foram aplicados jogos como instrumentos pedagógicos, a fim de promover uma alfabetização de maneira lúdica. Essa estratégia não buscou apenas facilitar o aprendizado do sistema de escrita alfabética, mas também de tornar o processo mais agradável para as crianças. Utilizar a ludicidade atrelada ao ensino promove um ambiente no qual as crianças vão se sentir encorajadas e vão ter motivação para estudar, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Palavras-Chave: Alfabetização e letramento; ludicidade; jogos.

¹ Orientanda: Paloma Maria Ferreira da Silva

² Orientadora: Paula Gomes de Oliveira

ABSTRACT

Literacy and alphabetization are important concepts in the teaching-learning process when children are acquiring the alphabetic writing system, that is, during alphabetization. An alphabetized child has the privilege of being integrated into the world, enabling them to understand the literate society and meet daily demands. This process occurs progressively, from a psychogenetic perspective, through the development of certain hypotheses: pre-syllabic, syllabic, syllabic-alphabetic, and alphabetic. Depending on the approach taken during this phase, the process of learning to read and write can turn into an unpleasant experience. Therefore, this work sought to identify how playfulness can be present in students' literacy and how they can favor the learning process. It proposes the application of strategies involving games that integrate alphabetization, literacy, and playfulness. To achieve this, a qualitative approach was used, employing an intervention project as the research method. The study was conducted in a public school in Ceilândia, where games were applied as pedagogical tools to promote a playful approach to literacy. This strategy sought not only to facilitate the learning of the alphabetic writing system but also to make the process more enjoyable for children. Utilizing playfulness in teaching creates an environment where children feel encouraged and motivated to study, thereby contributing to their development.

Keywords: Literacy and alphabetization; playfulness; games

INTRODUÇÃO

A infância é a etapa em que a criança passa por seu desenvolvimento, quando ela começa a explorar e compreender o mundo ao seu redor. É nesse período que ela vai ter suas primeiras experiências, com o mundo, com si mesma e com as pessoas que a rodeiam. E uma das primeiras experiências de interação de uma criança é no ambiente escolar, onde ela cria laços e desenvolve a interação com crianças, na grande maioria das vezes, de sua idade.

Toda criança tem direito à educação, e a escola desempenha um papel fundamental ao proporcionar, para a maioria, o primeiro ambiente onde se constroem as interações sociais e o desenvolvimento individual. Nesse contexto, ocorrem inúmeras experiências e processos essenciais para o crescimento e a formação da criança. Por isso, a educação básica perpassa por quatro segmentos: Educação infantil, Ensino fundamental 1, Ensino fundamental 2 e Ensino Médio. E dentro dessas etapas ocorre o desenvolvimento dos alunos, começando na educação infantil e progredindo até o ensino médio, sendo um dos objetivos fundamentais da educação básica alfabetizar os alunos.

A etapa da alfabetização pode apresentar desafios no que se refere à apreensão da relação entre som e grafia e no sistema de escrita alfabética, uma vez que é um processo que demanda tempo e esforço. Posto isso, é importante que o professor aborde o tema com a metodologia adequada, considerando a processualidade, tendo em vista a realidade do aluno e o meio no qual está inserido.

Cada criança tem o seu tempo e sua forma de aprender, e não são todas que se identificam na mesma abordagem, mas a ludicidade é uma abordagem que muitos alunos podem se identificar de modo que essa identificação ajude no processo de alfabetização. O desenvolvimento de cada criança se dá por diversos fatores, e um grande fator é o do brincar, esse que contribui para o desenvolvimento intelectual, social e emocional da criança. Pois, como colocado por Almeida e Donizete (2021):

É jogando e brincando, dentro ou fora de casa, com familiares ou profissionais da educação, que as crianças constroem um montante de práticas e vivências cognitivas, físicas e sociais, as quais se consolidam e acumulam ao longo do tempo, facilitando, assim, o processo de ensino e aprendizagem. (Almeida; Donizete, 2021, p. 113)

Nesse contexto de alfabetização, a ludicidade se torna um meio muito determinante e prático, pois ela é constituída por diversos segmentos, como os jogos e assim pode se desenvolver um método muito eficaz para alfabetização dos alunos. Os jogos têm função educativa, que oportuniza a aprendizagem do indivíduo.

Esse artigo busca identificar como a ludicidade pode estar presente na alfabetização dos alunos e como ela pode favorecer o processo da aprendizagem. Além disso, visa responder o questionamento: “Quais estratégias podemos usar para realizar uma alfabetização e letramento com a presença da ludicidade?”. Nesse sentido consideramos que o ambiente de alfabetização e letramento deve ser permeado por atividades lúdicas, tal como apregoa os documentos oficiais³ que tratam da aprendizagem nos primeiros anos.

³ Documentos oficiais: BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: cadernos de formação: apresentação**. Brasília: MEC, SEB, 2012.
BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
DISTRITO FEDERAL. **Secretaria de Estado de Educação. Currículo em Movimento: Educação Básica**. Brasília: SEDF, 2014.
BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização é um processo fundamental na formação educacional das crianças, uma jornada que vem evoluindo a partir de estudos e novas teorias na área da educação e linguística. Ao longo desse percurso, presenciamos uma série de transformações que têm redefinido o próprio conceito de alfabetizar. Hoje, esse processo não se resume apenas à aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita; ele se entrelaça com o letramento, uma abordagem mais ampla que engloba não apenas o reconhecimento das letras, mas também a compreensão e o uso significativo da linguagem escrita. Assim, a alfabetização contemporânea se torna essencial não apenas para decifrar textos, mas também para participar ativamente na sociedade e no mundo em que vivemos.

De acordo com Magda Soares (2022):

A alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas uma aprendizagem de um sistema de representação, em que os signos (grafemas) representam, não codificam, os sons das falas (fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com o que, arbitrária e convencionalmente são representadas os sons das falas, os fonemas. (Soares, 2022, p. 11)

Ou seja, a alfabetização, que até a década de 80 era vista como um mero exercício de memorização e decodificação, é na verdade muito mais do que isso. Como aponta Magda Soares, alfabetização não se resume à aprendizagem de um código, mas sim à compreensão de um sistema de representação no qual os signos gráficos não codificam, mas sim representam os sons da fala. Assim, aprender o sistema alfabético não é simplesmente decorar relações entre letras e sons, mas sim compreender o significado por trás da escrita e a notação arbitrária e convencional dos fonemas. Em outras palavras, alfabetizar vai além de um simples exercício de "jogo da memória", pois requer não apenas a memorização, mas também a compreensão do sentido e do som de cada letra, ou seja, compreensão do grafema e fonema.

Nos últimos tempos, a alfabetização foi tomando novos rumos, e juntamente deles encontramos o letramento, a alfabetização está intrinsecamente ligada ao letramento, essa palavra que é considerada bastante atual no meio educacional, mas que carrega grandes significados juntamente com a alfabetização. Letramento são os resultados que obtemos quando realizamos a ação de aprender e ensinar,

juntamente com as práticas sociais de leitura e escrita. É quando adquirimos e nos apropriamos da escrita envolvendo as práticas sociais. (Soares, 2022)

O letramento, conceito relativamente recente, já se faz presente no cotidiano das pessoas mesmo antes da alfabetização. Atualmente, ele vem desempenhando um papel crucial ligado às práticas alfabetizadoras, expandindo as possibilidades de aprendizado e compreensão do mundo letrado. De acordo com Magda Soares, o letramento é o “Desenvolvimento explícito e sistemático de habilidades e estratégias de leitura e escrita. Em outras palavras, aprender o sistema alfabético de escrita e, contemporaneamente, conhecer e aprender seus usos sociais: ler, interpretar e produzir texto. (Soares, 2022, p.12)”.

O termo letramento surgiu por uma tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que tinha um conjunto de conhecimentos sobre a cultura escrita que começavam antes da alfabetização, e a ultrapassam, como algo mais amplo e determinante em relação com o mundo letrado.

Ele pode ser compreendido, de maneira mais geral, como uma habilidade essencial para interpretar e entender o mundo em que vivemos, prescindindo e transcendendo então a mera habilidade de ler e escrever, colocando também a capacidade de interpretação e de compreensão do mundo. Posto isso, o letramento é o conceito novo no meio da alfabetização, porém já está introduzido no meio linguístico até antes dela, pois o letramento surgiu por demandas sociais e culturais da escrita, estando presente no começo do processo histórico da invenção da língua escrita. O letramento é uma prática social e cultural que se manifesta na habilidade de utilizar a leitura e a escrita para interagir com o meio, portanto, o letramento envolve não apenas saber ler, mas sim ter capacidade crítica e reflexiva de compreender e produzir texto em diferentes gêneros. (Soares, 2022)

Assim, o letramento foi e é fundamental para que os indivíduos possam não apenas interpretar e organizar informações, mas também questionar, analisar e se posicionar no mundo, facilitando uma participação mais ativa e consciente na sociedade. (Soares, 2022).

Alfabetização e letramento são processos distintos, porém embora tenham essa distinção, são processos considerados interdependentes, ambos precisam um do outro, são como um duo. A alfabetização tem o foco do aluno adquirir conhecimento no sistema de representação e o letramento tem foco em fazer que o aluno possa interpretar e compreender diversos tipos de textos, esses que poderão

auxiliar em sua cultura e sua inserção no mundo. Um aluno alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, isso o torna alfabetizado, mas não quer dizer que ele seja letrado, pois o aluno letrado é aquele que compreende o mundo e as leituras presentes nas práticas sociais, a fim de responder às demandas.

PSICOGÊNESE DA ESCRITA NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização passou por diversas evoluções ao longo do tempo e, buscando entender melhor os processos pelos quais as crianças representam a realidade por meio da escrita, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) desenvolveram a teoria da psicogênese da escrita.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1985), o processo de alfabetização ocorre de forma evolutiva, findando com a ideia de que alfabetizar se resume à memorização e decodificação. Ao contrário, o sistema de escrita alfabética envolve a apropriação de um sistema notacional, em que o objetivo é a criança compreender e utilizar a escrita como uma representação da linguagem falada. (Morais, 2012).

O processo de alfabetização e letramento é constituído por três desenvolvimentos que ocorrem simultaneamente ao longo dessa etapa, durante a qual as crianças são introduzidas e guiadas para a aquisição da linguagem escrita. Esses desenvolvimentos são cruciais para o domínio completo da alfabetização e do letramento, são eles: psicogenéticos, conhecimento das letras e consciência fonológica. (Soares, 2022)

O desenvolvimento psicogenético, de acordo com Magda Soares, é o processo em que se capta o desenvolvimento cognitivo da criança na questão de entender onde ela se encontra na etapa de alfabetização, buscando identificar suas capacidades cognitivas e linguísticas. Leva-se em consideração o meio no qual a criança está inserida, os aspectos cognitivos da criança e socioculturais. Nesse desenvolvimento, o psicogenético perpassa por todo o processo de alfabetização, da hipótese pré-silábica e progredindo até que o aluno seja considerado alfabetizado (Soares, 2022).

Logo após o desenvolvimento psicogenético, temos então o processo no qual as crianças vão aprender e conhecer as letras, essa fase do desenvolvimento

perpassa entre as etapas pré-silábica e silábica com e sem valor sonoro, nessas etapas que a criança vai então compreender o que é uma letra pois, não é com qualquer rabisco ou desenho que se representa o som das palavras, e mesmo de forma arbitrária, cada letra tem o seu formato. Esse desenvolvimento se chama de conhecimentos das letras. (Soares, 2022)

O terceiro desenvolvimento que atravessa a etapa da alfabetização é a consciência fonológica, essa que se faz presente desde a primeira fase da alfabetização, a pré-silábica, e percorre até o final da etapa. Para a criança começar ter consciência fonológica ela deve ter familiaridade com as letras, para que assim ela possa associar os sons aos formatos das letras. É nesse caminho que a criança chega no princípio alfabético, que é quando a criança se apropria da habilidade de entender que as letras representam os sons das palavras. (Soares, 2022)

A teoria da psicogênese demonstra que a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética não acontece da noite para o dia, e sim de uma forma evolutiva e por etapas e hipóteses, essas que perpassam o aprendizado do aluno. Com base na teoria, para compreender melhor em qual fase da escrita a criança se encontra no processo de alfabetização, temos as seguintes hipóteses: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética. (Soares, 2020).

A primeira hipótese é a pré-silábica, caracterizada por a criança ainda não ter reconhecimento dos grafemas e fonemas.

(...) a criança ainda não entende que o que a escrita registra é a sequência de “pedaços sonoros” das palavras. Num momento muito inicial, a criança, ao distinguir desenho de escrita, começa a produzir rabiscos, bolinhas e garatujas que ainda não são letras. À medida que vai observando as palavras ao seu redor (e aprendendo a produzir seu próprio nome ou outras palavras), ela passa a usar letras, mas sem estabelecer relação entre elas e as partes orais da palavra que quer escrever. (PNAIC, 2012 p. 7)

A criança nessa fase ainda não consegue diferenciar o que é uma letra de um desenho ou de um rabisco qualquer, por isso quando pedimos para escrevermos uma palavra ela tende a desenhar ao invés de escrever. Como por exemplo, ao pedir para que ela escreva “pipa”, ela irá desenhar uma pipa. No entanto, com e de forma gradual elas vão associando que desenhos são distintos da escrita e assim promovendo uma evolução no sistema de escrita alfabética.

Na hipótese pré-silábica a criança passa por fases evolutivas, a primeira citada acima, quando ela ainda “escreve” em forma de desenhos, após, começam a diferenciar e entender que o desenho não é uma escrita, passando então a representar as letras com garatujas e rabiscos. Embora a fase pré-silábica aparente ser uma das fases nas quais não conseguimos ver muita evolução vindo das crianças, a realidade é que essa é apenas uma percepção, pois quando paramos para analisar é possível identificar os avanços significativos que elas apresentam. (Morais, 2020)

À medida que a criança avança no seu processo de sistema de escrita alfabética, ela transita da fase pré-silábica para a fase silábica, que pode ser definida:

A criança descobre que o que coloca no papel tem a ver com as partes orais que pronuncia, ao falar as palavras. Mas, nessa etapa, ela acha que as letras substituem as sílabas que pronuncia. Num momento de transição inicial, a criança ainda não planeja, cuidadosamente, quantas e quais letras vai colocar para cada palavra, mas demonstra que está começando a compreender que a escrita nota a pauta sonora das palavras, porque, ao ler o que acabou de escrever, busca fazer coincidir as sílabas orais que pronuncia com as letras que colocou no papel, de modo a não deixar que sobrem letras (no que escreveu). (PNAIC, 2007, p. 7)

Essa hipótese é dividida em dois períodos, silábica quantitativa ou sem valor sonoro e silábica qualitativa ou com valor sonoro.

O período silábico sem valor sonoro refere-se ao período em que a criança começa a entender que as palavras são divididas por sílabas, porém ainda não identificando bem os fonemas de cada sílaba. Por tanto, quando se pede para escrever a palavra, ela vai pronunciar silabando para perceber em quantas partes a palavra é dividida, porém colocando uma letra aleatória para cada sílaba.

Em contrapartida, no período com valor sonoro a criança já consegue perceber as afinidades entre grafema e fonema, partindo do pressuposto de que os dois se entrelaçam. Nesse período a criança já vem percebendo que as palavras são divididas em sílabas, e agora compreendendo que essas sílabas tem um som, porém não identificando quais são os sons que compõem as palavras. Sendo assim, a criança identifica o fonema mais forte da sílaba e o escreve. Um exemplo é pedir que a criança escreva a palavra “RETA” e ela apenas escreva “EA”, pois nessa fase é comum que as crianças identifiquem os sons das vogais, fazendo que fique

evidente os sons das mesmas nas palavras e assim escrevendo apenas elas (Morais, 2020).

Após todo caminho progredido pela criança, em entender que as letras têm um som e as palavras são compostas por sílabas, ela então está apta para a hipótese silábica-alfabética. Nessa hipótese a criança começa a entender que uma sílaba não é composta apenas por uma letra, ela entende que é preciso que coloque mais letras para que se forme uma palavra,

certas letras (como B, C, D, G, K, P, Q, T, V, Z) cujos nomes correspondem a sílabas CV (consoante – vogal), tendem a aparecer substituindo sílabas inteiras na escrita de crianças que se encontram nessa etapa. Assim, encontramos BLEZA para beleza ou LAPZRA para lapiseira. (PNAIC, 2007, p. 8).

A fase silábica-alfabética é marcada pelo período em que ocorre o maior aprendizado entre grafema e fonema, Moraes (2020) destaca que as pessoas que chegam nessa etapa podem ser consideradas estarem a salvo do analfabetismo. Essa hipótese pode ser considerada um pouco mais complexa, tendo em vista que as crianças tendem a adquirir consciência fonêmica e não só de sílabas, “A complexidade decorre de o êxito da notação alfabética requer, agora, um domínio muito maior das correspondências entre grafemas e fonemas que o exigido para escrever segundo a hipótese silábica.” (Morais, 2020, p.45)

A fase da alfabetização é composta por 4 hipóteses e a última que Ferreiro e Teberosky (1985) identificaram é a hipótese alfabética. Nessa fase a criança já consegue distinguir e elaborar o ser fonema e grafema, fazendo se então o uso da língua escrita de forma adequada, porém ainda com demandas.

(...) no período alfabético, as crianças escrevem com muitos erros ortográficos, mas já seguindo o princípio de que a escrita nota, de modo exaustivo, a pauta sonora das palavras, colocando letras para cada um dos “sonzinhos” (aspas do autor) que aparecem em cada sílaba. (PNAIC, 2012, p. 8).

Posto isso, a criança que está nessa hipótese já consegue identificar o que são grafemas e fonemas e sua importância, porém ainda carrega alguns pontos que devem ser trabalhados nessa fase, os erros ortográficos.

As crianças que estão nessa fase final conseguem resolver as questões em que Ferreiro e Teberosky se basearam, “O que as letras representam?” e “Como as

letras criam representações?” de forma automática, lógica e rápida, colocando uma letra para cada fonema que pronunciamos. Essa fase é um marco dentro do processo do sistema de escrita alfabética, pois a mesma mostra que a criança tem uma compreensão desenvolvida da relação entre fonema e grafema, essa que se faz essencial para a fluência da leitura e escrita (Morais, 2020).

A LUDICIDADE NA PRÁTICA ALFABETIZADORA

A infância é um período no qual o ser humano começa o seu desenvolvimento, marcando o início de uma fase de aprendizados intensos. Nesse período as primeiras experiências têm um impacto significativo no futuro, pois durante essa fase ocorre a primeira interação e aproximação com o mundo externo. Embora nessa etapa seja habitual que as crianças tenham dificuldade em lidar com suas emoções em contextos coletivos, tal como a escola, a ludicidade têm um grande destaque para se lidar com essa dificuldade apresentada, ela é uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento, estimulando a imaginação, aprimorando as habilidades e promovendo um ambiente leve e tranquilo.

Lúdico é uma palavra que vem do latim, da palavras “ludus”, que significa “jogo”, e de acordo com Huizinga (2014) o lúdico é fundamental na vida humana, pois ele proporciona a interação, experiências e vivências que são essenciais para o desenvolvimento. Embora associemos a palavra lúdico apenas com jogos e brincadeira, a realidade é que essa palavra carrega grandes propriedades e funções que são cruciais para o aprendizado e crescimento, auxiliando na construção de conhecimentos e habilidades.

Luckesi afirma que a ludicidade não é apenas o termo que podemos encontrar nos dicionários, como jogos e brincadeiras, na verdade, é um estado de espírito, no qual a pessoa que está ali, envolvida com a ludicidade, pode se sentir bem, com sentimento de satisfação e conforto, isso para Luckesi é a ludicidade. Ele afirma

[...] não existem atividades que, por si, sejam lúdicas. Existem atividades. Ponto. Elas serão qualificadas como lúdicas (ou não) a depender do sujeito que as vivência e da circunstância onde isso ocorre. Então rir de uma boa piada pode ser extremamente lúdico, mas alguém contar-nos uma piada, ao nosso ouvido, enquanto estamos a assistir uma conferência tem um caráter de invasão,

desrespeito e chatice; certamente, nada lúdico. (LUCKESI, 2014, p.16).

Os jogos podem ser utilizados como uma ferramenta pedagógica, sendo vinculada a conteúdos, porém a receptividade dos alunos pode ser negativa ou positiva. Levando em consideração os pensamentos de Luckesi, colocar um jogo atrelado com um conteúdo não quer dizer que se tornou lúdico. A ludicidade surge quando o aluno se sente engajado e confortável no meio, tornando a experiência estimulante e significativa, cooperando para aprendizagem, inclusão e interação.

A escola é vista, principalmente pelas crianças, como uma experiência intimidante, pois quando eles vão à escola pela primeira vez não estão acostumados a se separar por longos períodos dos seus familiares, fazendo com que muitas crianças sintam o famoso “frio na barriga”. Essa vivência pode levar a sentimentos como frustração e insegurança, desenvolvendo-se então um medo da escola e, portanto, de realizar as atividades propostas.

Considerando determinado fator, os jogos se tornam uma estratégia lúdica eficaz quando abordados como uma didática dentro de sala de aula, principalmente quando estamos falando de educação infantil e ensino fundamental 1. Nessa etapa é fundamental que as crianças explorem o mundo brincando, enquanto também aprendem. Atrelar conteúdo e brincadeira torna o aprendizado mais envolvente, consolida o conhecimento de forma mais espontânea e torna o meio mais lúdico, tornando o aprendizado equilibrado, tranquilo e instigante.

“É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... como se fora brincadeira de roda... (Marcelino, 1996, p. 38)”.

Como citado anteriormente, a alfabetização, por muitas vezes, pode ser um processo que gera desânimo nas crianças. Todavia, introduzir jogos transforma essa experiência em um momento prazeroso e interativo. São diversas as abordagens que podem incorporar a ludicidade no processo de alfabetização, fazendo que essa fase seja eficiente e envolvente. A utilização de jogos transforma o aprendizado em uma atividade divertida e estimulante, em que as crianças exploram e desenvolvem habilidades de leitura e escrita de maneira agradável.

O ensino que não busca integrar a ludicidade em seu meio, pode se tornar um ensino regado de sofrimento, fazendo-o tornar uma experiência traumática para

a criança que está participando do processo. A utilização do lúdico na prática alfabetizadora, estimula a conhecer novas possibilidades e a falta dele promove “ironia, o desinteresse, o ceticismo ou a violência (Macedo; Petty; Passos, 2005, p. 20).”

EXPLORANDO AS ROTAS DA PESQUISA: MÉTODOS E ABORDAGENS

A realização de uma pesquisa, envolve muitos aspectos essenciais, como os tipos de pesquisa e o método utilizado para realizá-la. Considerar esses elementos é fundamental para garantir um trabalho coerente e válido. Posto isso, a abordagem utilizada neste trabalho de conclusão de curso foi o enfoque qualitativo. Escolhi a referida abordagem por tornar mais acessível o contato com o fenômeno pesquisado, e assim, percebê-lo, observá-lo e compreendê-lo, considerando o contexto e percepções das crianças. Além disso, essa abordagem permite a percepção e a observação mais precisa do ambiente onde foi aplicado, possibilitando uma visão mais abrangente do objeto de estudo.

Esse trabalho realizou um estudo de caso em uma Escola Classe, que se situa na Ceilândia. Com enfoque na alfabetização, busquei trazer experiências que já vivi nessa escola enquanto estive no programa de Residência Pedagógica, atuando na escola duas vezes por semana, no período de janeiro de 2023 a abril de 2024.

O estudo foi realizado em uma Escola Classe de Ceilândia que é inclusiva e integral, onde lá são ofertados os segmentos de educação infantil e ensino fundamental 1, no período diurno, com um total de 32 turmas, sendo elas “01 turma NS-CE-A, 01 Classe Especial, 08 turmas de Educação Infantil, 13 turmas do Bloco Inicial de Alfabetização, 06 turmas de 4º Ano, 03 turmas de 5º Ano do Ensino Fundamental I (Projeto Político Pedagógico, EC de Ceil, 2023).”

A escola está localizada em Ceilândia, mais especificamente em uma área conhecida como P Norte, que compreende as quadras ímpares QNPs 01 a 27 e também divisa com o Sol Nascente, local onde é considerada uma das três maiores favelas do Brasil. A escola é frequentada por alunos de baixa renda, onde a

comunidade é composta por desempregados, autônomos, trabalhadores assalariados, dentre outros, sendo que 30,29% são famílias que dependem da ajuda de programas sociais do governo, sendo assim os pais e responsáveis veem a escola como um ponto de apoio para a criação dos filhos, mas também relatam as dificuldades em manter a frequência na escola e o acompanhamento escolar. (Projeto Político Pedagógico, EC de Ceí, 2023)

Levando em consideração todo o contexto social onde a escola está inserida, ela busca soluções para que esse déficit de aprendizagem vivenciado por muitos alunos possa ser sanado dentro da escola, realizando atividades que sejam capazes de contribuir para o enriquecimento do aluno. Uma das atividades com essa finalidade é o Projeto Interventivo.

O projeto interventivo busca realizar uma atividade intencional, onde o educador identifica um problema e busca uma solução, sendo que essa solução deve ser baseada em uma análise e uma interpretação crítica. Como afirma Villas Boas,

O Projeto Interventivo compõe-se de quatro momentos: identificação ou problematização; elaboração do projeto; desenvolvimento; sistematização da avaliação das atividades do projeto nos períodos definidos pela escola. Esses quatro momentos mantêm relações de interdependência, isto é, não acontecem isoladamente (Villas Boas, 2009, p. 2).

Ele traz a possibilidade de os educadores enxergarem as demandas de cada aluno, a fim de que essas demandas possam ser resolvidas, de forma em que o aluno se sinta incluído e não excluído, buscando deixar de lado a avaliação classificatória e inserir a avaliação formativa, fazendo o projeto ser positivo e encorajador (Villas Boas, 2009).

No programa Residência Pedagógica realizamos um projeto interventivo de alfabetização com os alunos que ainda não eram alfabetizados. Durante a pandemia do COVID-19, muitas crianças foram afetadas por não terem equipamentos necessários para participar das aulas, e muitas estavam no ciclo do Bloco Inicial da Educação, com isso muitas delas chegaram na escola, após o isolamento social, com grandes déficits e um dos grandes era relacionado a alfabetização.

Um dos princípios metodológicos que se tem no Bloco Inicial da Educação é sobre os projetos interventivos e um dos métodos utilizados é esse, que tem como foco “promover o repensar de concepções e práticas pedagógicas, oportunizando um ambiente dinâmico que atenda aos alunos da Etapa III com defasagem idade/série, proporcionando-lhes uma efetiva alfabetização numa perspectiva inclusiva” (BRASÍLIA, 2006, p. 24).

Enquanto se desenvolvem atividades de intervenção junto aos estudantes, investigam-se as melhores estratégias de aprendizagem para cada um deles. Essa é uma forma de produção de conhecimento escolar. Esses princípios da intervenção e da investigação possibilitam a prática da inovação, porque cada estudante requer intervenção particular. Para que tudo isso ocorra, o projeto tem caráter coletivo e integrador. Não pertence a um professor, mas a um grupo que compartilha os mesmos interesses (Villas Boas, 2010, p. 2).

Para a condução da pesquisa, foi utilizado um teste da psicogênese para identificar em que hipótese se encontrava a criança. Por meio dessa, separei em grupos as crianças que tinham a mesma hipótese e utilizei os jogos, que foram selecionados como uma ferramenta pedagógica, auxiliando no engajamento dos alunos e facilitando a assimilação do conteúdo. A pesquisa qualitativa permitiu acompanhar os alunos durante as atividades e a aplicação dos jogos, favorecendo uma avaliação formativa.⁴

Este estudo não buscou apenas descrever a prática da alfabetização, mas sim contribuir para que o desenvolvimento do sistema de escrita alfabética seja enriquecido com estratégias pedagógicas eficazes, considerando o contexto da criança e o meio que está inserido, com ênfase no lúdico por meio de jogos pedagógicos.

ACHADOS E PROPOSIÇÕES DA PESQUISA

Para analisarmos melhor como a alfabetização pode ser mais acessível para as crianças e como o projeto interventivo pode ser inserido nesse meio, a pesquisa busca realizar uma intervenção voltada à alfabetização e jogos. Neste trabalho busquei trazer algumas estratégias utilizando jogos que se podem ter dentro do

⁴ A avaliação formativa visa orientar o aluno quanto ao trabalho escolar, procurando localizar as suas dificuldades para o ajudar a descobrir os processos que lhe permitirão progredir na sua aprendizagem. (Cardinet, 1986, p. 14 apud apud NASCIMENTO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2022, p. 151)

processo de alfabetização e letramento, por meio do projeto interventivo realizado na escola e levando em consideração a hipótese em que a criança se encontrava.

Em primeiro momento realizou-se uma reunião com a coordenação do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) da escola. Foi conversado e acordado realizar um teste da psicogênese com alguns alunos que compõem a etapa do BIA para que a partir dos testes, fossem realizados grupos pequenos colocando os alunos de acordo com a hipótese de escrita que eles manifestavam: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético .

Comecei a elaborar os objetivos e a programação que iria realizar junto às crianças. Como tema do teste da psicogênese pensei em trazer um filme que estava muito em alta, que falava de sentimentos, pude então começar com esses alunos adentrando no meio da escrita conversando com eles sobre sentimentos, o que de fato foi muito interessante analisar os sentimentos do filme e trazer para a nossa realidade.

O teste da psicogênese⁵ foi composto por cinco palavras e uma frase, da seguinte forma:

1. Amor;
2. Raiva;
3. Feliz;
4. Tristeza;
5. Sentimento.

Frase: Eu sinto alegria.⁶

Após a realização do teste pude então tomar parâmetros e assim realizar a divisão dos pequenos grupos, sendo um grupo de aluno pré-silábico, o silábico, silábico-alfabético e o grupo de alunos alfabéticos, em seguida separei os alunos em horários, sendo estes no mesmo horário de aula deles e realizei a intervenção.

⁵ Foi realizado um levantamento baseado na teoria da psicogênese que é chamado de teste da psicogênese, no qual se tenta perceber em qual nível da escrita a criança predominantemente se encontra.

⁶ Utilizamos para o desenvolvimento dessa atividade o filme Divertidamente, por isso o enfoque em emoções.

Desenvolvimento do Grupo Pré-Silábico

As crianças que se encontram na hipótese pré-silábica não compreendem que as palavras são formadas por letras e sílabas. Nessa hipótese elas escrevem palavras com rabiscos, garatujas e pontos. “Ela ainda não descobriu que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora, isto é, a sequência de pedaços sonoros das palavras que falamos.” (Morais, 2020 p. 55).

Portanto, para os alunos que se encontravam na hipótese pré-silábica busquei desenvolver jogos que envolvessem o reconhecimento das vogais e a assimilação com seus sons, visando colocar jogos interativos para tornar a prática educativa motivadora, pois, como afirma Duarte (2011, p 13.) “Através do jogo, a criança engrandece-se com as experiências que vai adquirindo e, se o jogo for associado ao aspecto educativo, poderá tornar-se uma forma de as crianças aprenderem com mais motivação.” Sendo assim, apresentei a elas os jogos: Pote das vogais e Trinca das vogais.

Pote das vogais



Fonte: criação da autora (2024)

O jogo pote das vogais é um jogo que se utiliza como recurso pedagógico, cartas compostas com ilustrações de objetos e elementos, que começam com as vogais, e potes compostos por uma vogal em cada. O objetivo do jogo era que cada

criança recebesse 10 cartas e identificasse o grafema e praticasse o fonema em cada rodada e, após, colocasse no pote correspondente. Escolhi esse jogo para estimular o contato inicial com as vogais, tendo em vista que os alunos que estão nessa hipótese ainda não conhecem muito bem as letras e confundem ainda com rabisco e garatujas. Junto às crianças tive a oportunidade de trabalhar os sons das letras através de cartas.



Fonte: criação da autora (2024)

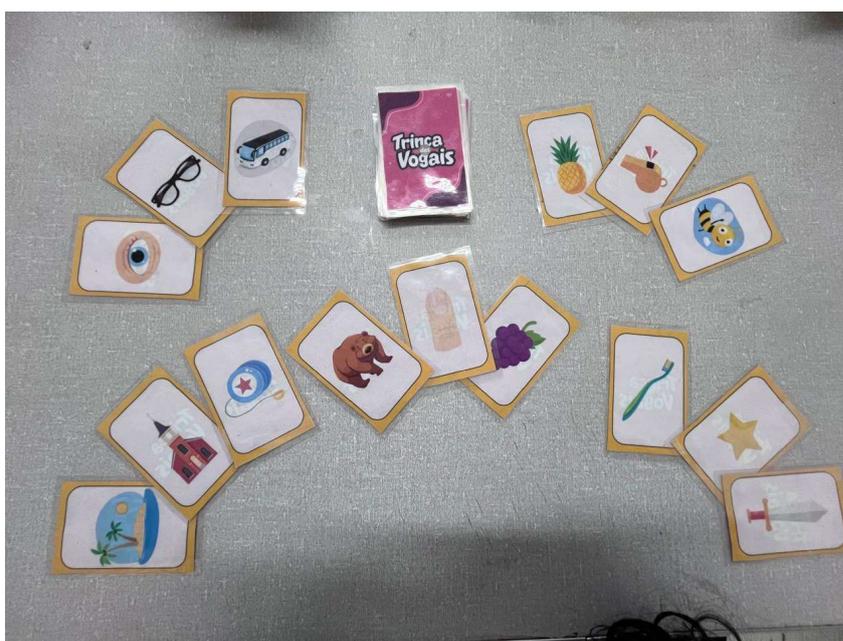
As crianças que estavam nesse grupo já se conheciam, o que deixou a prática mais interacionista, pois elas contribuíram entre si, quando o outro precisava de ajuda. A familiaridade facilitou o engajamento e potencializou a dinâmica no jogo, tornando a prática colaborativa.

Ademais, o jogo tem o poder de trazer a ludicidade, mas o papel do professor também é necessário para que possa estimular as crianças a aprenderem. Leal (2005) cita Kishimoto (2003, p. 37-38) corroborando para esse pensamento: “A utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico, mas o trabalho pedagógico requer a oferta de estímulos externos e a influência de parceiros bem como a

sistematização de conceitos em outras situações que não jogos.”. Dessa forma, o meu papel se fez importante para mediar todo o momento com o jogo, certificando que as crianças estivessem seguindo as regras e incentivando-as a realizarem as atividades propostas ligadas as vogais.

Esse jogo foi bastante divertido, pois as crianças demonstraram interesse, facilitando o processo do ensino. Conforme o jogo progredia, eu ia percebendo que as crianças estavam se sentindo confortáveis e engajadas com o jogo, assim, me permitir realizar uma evolução, pedindo para que elas falassem outra palavra que contivesse essa letra, nos dando a oportunidade de analisarmos quais sons aquela letra pode conter, sendo acompanhada e comparando com ela sozinha.

Trinca das vogais



Fonte: criação da autora (2024)

Outro jogo proveitoso para as crianças que estão na hipótese pré-silábica é o jogo trinca das vogais, ele é uma atividade lúdica e educativa que tem como objetivo reforçar o reconhecimento das vogais e a associação entre fonema e grafema. Tem como finalidade que as crianças pratiquem a identificação das vogais e realizem uma trinca com as cartas.

O jogo é composto por cartas que tem como característica palavras que começam com as vogais (A, E, I, O, U), juntamente com figuras que representam as

palavras indicadas. Tem como objetivo formar as trincas, ou seja, o conjunto de 3 cartas que compartilham da mesma característica, que neste caso era a letra inicial. As crianças recebem, cada uma, 3 cartas e durante as rodadas eles podem ou trocar com os colegas ou pegar das cartas avulsas que sobraram. A brincadeira acaba quando todas as crianças tiverem com uma trinca, quem termina primeiro, ajuda o outro.



Fonte: criação da autora (2024)

Durante o jogo, foi possível trabalhar com as letras e as palavras iniciadas por elas, oportunizando um reforço no conhecimento das vogais, identificando suas diferenças e semelhanças, e ajudando no desenvolvimento fonológico. Ademais, o jogo proporcionou interação social entre as crianças, fazendo que o lúdico estivesse no meio e elas fossem engajadas na brincadeira.

Os jogos aplicados aos alunos que se encontravam na hipótese pré-silábica foram essenciais na introdução ao sistema de escrita alfabética. Através das ferramentas pedagógicas utilizadas, as crianças começaram a reconhecer as letras

e seus respectivos sons e formatos, aprendendo também que a letra sozinha ou acompanhada, produzem sons diferentes.

Vieira e Oliveira (2011, p. 2) afirmam: “Durante os jogos e brincadeiras, as crianças adquirem diversas experiências, interagem com outras pessoas, organizam seu pensamento, tomam decisões, desenvolvem o pensamento abstrato e criam maneiras diversificadas de jogar, brincar e produzir conhecimentos.”. A utilização dos jogos como ferramenta pedagógica despertou o interesse e a curiosidade das crianças e proporcionou um ambiente dinâmico e interativo, facilitando a identificação dos grafemas e fonemas. Assim possibilitando que as crianças pudessem avançar para as etapas mais complexas no processo de aquisição da língua escrita.

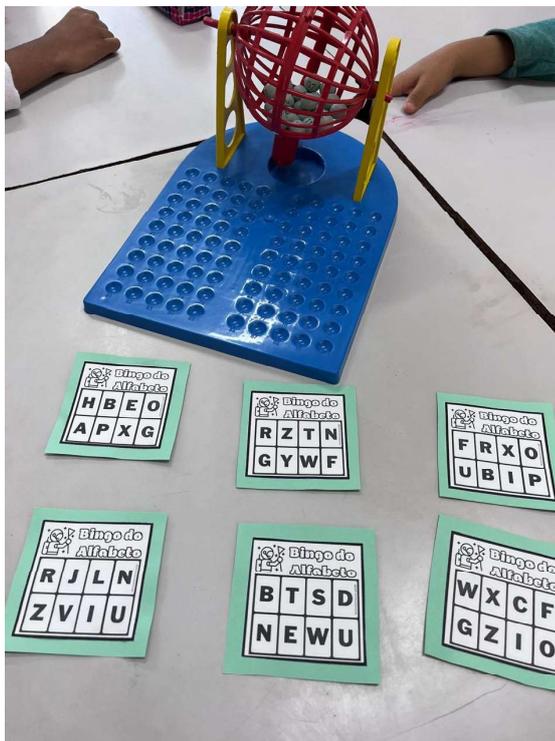
Desenvolvimento do Grupo Silábico

As crianças que se encontram na fase silábica estão no início da associação entre letras e sílabas, porém ainda não compreendem a correspondência entre sons e letras. Costumam colocar uma letra para cada sílaba, indicando que já estão começando a entender que as palavras são compostas por sílabas e as sílabas são formadas por letras. (Morais, 2020)

Perante essas características da fase silábica, busquei elaborar atividades que avançassem no processo de alfabetização, sendo assim, inseri não apenas vogais nos jogos, mas também as consoantes.

Os jogos utilizados com as crianças que estavam na hipótese silábica tinham variedade de letras, promovendo uma compreensão maior. Foi utilizado jogos em que as crianças puderam explorar as consoantes de forma significativa, associando com o conhecimento que já haviam adquirido, as vogais. Utilizei os jogos: Bingo das letras e lousa de palavras.

Bingo das letras



Fonte: criação da autora (2024)

Segundo Leal et al. (2005, p. 124)

O bingo de letras já é um jogo bastante conhecido. Ele é ótimo recurso para fazer com que as crianças se familiarizem com as letras e aprendam os seus nomes. Isso ajuda bastante no processo de alfabetização, por possibilitar que alunos e professores conversem sobre as letras, aprendam seus nomes e enfoquem as correspondências grafofônicas (2005, p. 124)

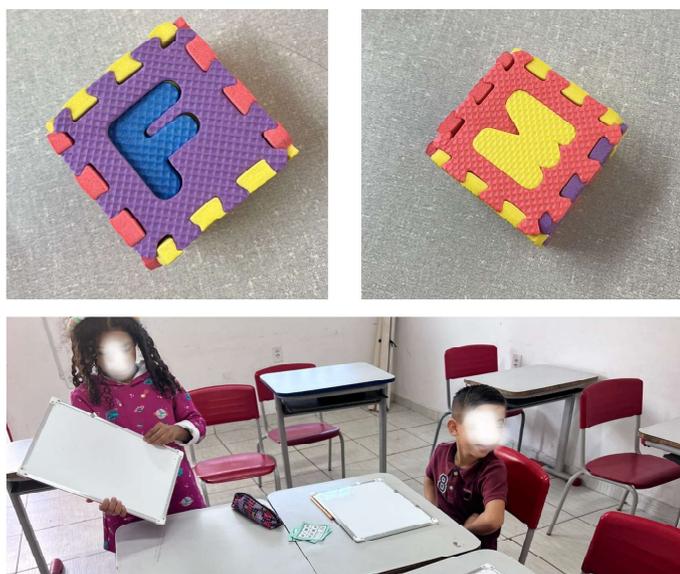
O jogo bingo é muito comum, e foi adaptado para a alfabetização. É um jogo em que cada cartela contém uma sequência de letras aleatórias. Cada criança recebia uma cartela, e assim começamos o bingo. Quando saía a letra que a criança tinha em sua cartela, ela marcava com o lápis.



Fonte: criação da autora (2024)

Durante a aplicação desse jogo, foi perceptível a grande interação entre as crianças, que se ajudavam e ficavam ansiosos para ver se sairia alguma letra que tinha em sua cartela. Essa interação foi bastante benéfica no momento de explorar e trabalhar com as consoantes, pois o engajamento das crianças com o meio foi refletida na participação ativa na identificação das letras, de seus sons e de palavras, proporcionando um ambiente dinâmico e favorável ao aprendizado.

Lousa de Palavras



Fonte: criação da autora (2024)

Outro jogo utilizado com os alunos que estão na hipótese silábica é um jogo com dado e lousa. O dado pode ser considerado um instrumento pedagógico que se pode utilizar em diversas etapas, sendo uma delas na alfabetização.

Esse jogo foi realizado com um dado personalizado, em que no lugar dos números, como no dado universal, se colocam letras. É um dado onde existem as diferentes letras do alfabeto. Para esse jogo também utilizamos de uma lousa, afim das crianças pudessem escrever e desenhar o que fosse solicitado. Cada aluno ficou com uma lousa e um dado. Eles lançavam os dados e a letra que fosse sorteada conversamos sobre ela, como era escrita, qual seu som, quais palavras começam com essa letra.



Fonte: criação da autora (2024)

O jogo começou com as crianças lançando o dado e sorteando uma letra, após isso pedi para que as crianças fizessem um desenho, e escrevessem também, o nome do desenho, e diante disso tivemos a oportunidade de trabalhar naquela palavra, buscando identificar como ela era, quais seus sons e quantas sílabas tinha. Essa atividade tem como objetivo beneficiar as crianças na consciência fonológica, na prática escrita, ampliação do vocabulário e desenvolvimento da criatividade.

Através desse jogo, os alunos tiveram a oportunidade de utilizar os conceitos aprendidos de maneira prática e interativa, o que contribuiu para reforçar e solidificar o entendimento das relações entre os sons e as letras, além de incentivar

o interesse e o engajamento na aprendizagem da leitura e da escrita, pois a lousa é um objeto pedagógico que a professora utiliza em sala de aula, e muitas crianças são fascinadas e sempre querem utilizar, o pincel e a lousa, pensando nisso decidi utilizar a lousa por saber que eles tem um grande interesse.

As crianças que se encontravam na hipótese silábica demonstravam familiaridade com as vogais e até algumas consoantes e um aspecto crucial nessa hipótese é que a criança também começa a compreender que as palavras são compostas por sílabas. Visando isso, busquei inserir jogos que auxiliassem eles a compreender os seus sons, pois como afirma Vieira e Oliveira (2011, p. 2) “Os jogos e as brincadeiras são instrumentos pedagógicos importantes e determinantes para o desenvolvimento da criança, pois no jogar e no brincar as mesmas desenvolvem habilidades necessárias para o seu processo de alfabetização e letramento.”

Os jogos escolhidos estavam direcionados a reforçar a consciência fonológica. Eles proporcionaram uma aquisição maior de letras e uma maior assimilação das palavras e suas sílabas. Promoveu-se um ambiente lúdico e dinâmico, em que as crianças adquiriram conhecimento para avançar para a próxima hipótese.

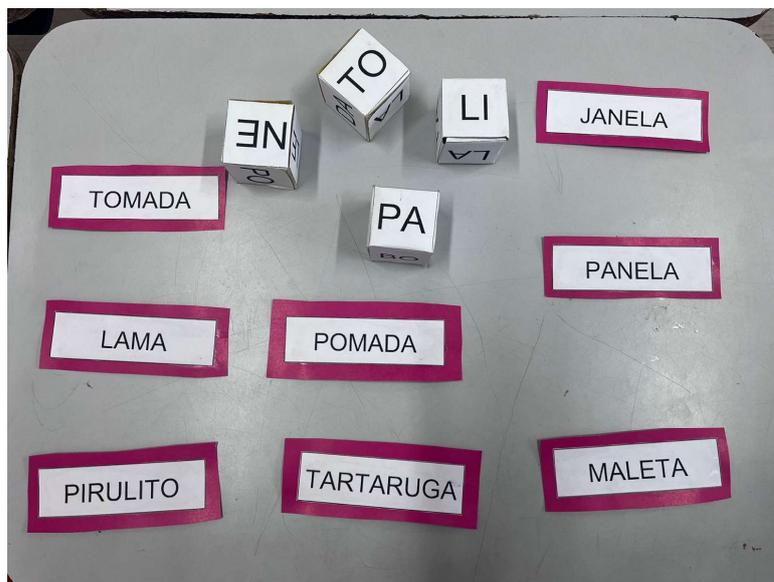
Desenvolvimento do Grupo Silábico-Alfabético

As crianças que estão na hipótese silábica-alfabética já estão mais familiarizadas com as letras e seus sons, compreendendo que as palavras são compostas por sílabas, porém ainda confundindo alguns sons entre as letras,

Em lugar de achar que se escreve colocando uma letra para cada sílaba, descobre que é preciso “pôr mais letras”. Para isso ela necessita refletir, mais detidamente, sobre o interior das sílabas orais, de modo a buscar notar os pequenos sons que a formam, em lugar de colocar uma única letra para cada sílaba. (Morais, 2020, p. 62)

Para atender a demandas dessa hipótese, busquei realizar jogos que envolvessem mais as sílabas, ao invés de focar apenas em vogais e consoantes isoladas. Sendo assim, selecionei os jogos: Bingo das sílabas e um jogo com dados.

Brincando com dados



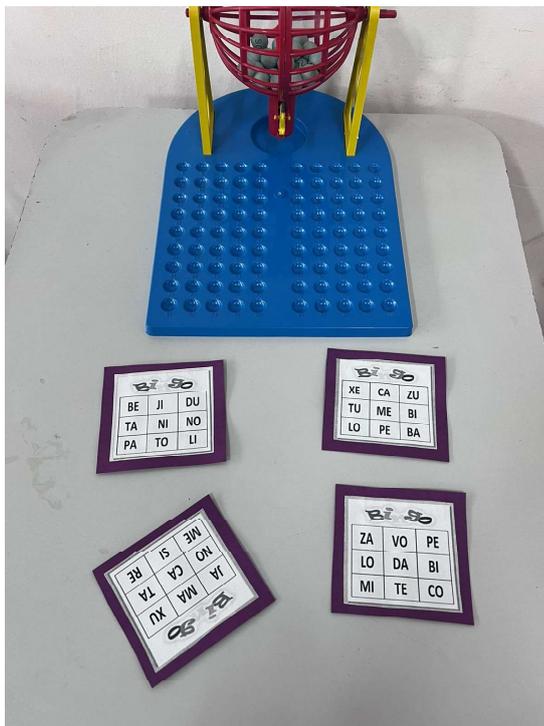
Fonte: criação da autora (2024)

O primeiro jogo que apresentei para as crianças foi o jogo com dados e fichas. O objetivo era trabalhar as sílabas e formar com os dados as palavras que estavam nas fichas. O dado tinha os lados e em cada lado tinha uma sílaba, e as fichas tinham palavras que correspondiam às sílabas presentes no dado. Cada criança recebia uma ficha e os dados, a partir disso a criança tentava formar a palavra.

Durante a aplicação do jogo foi possível identificar que as crianças tinham engajamento para procurar as sílabas e montar as palavras, trazendo uma percepção que elas já estavam familiarizadas com o grafema, visto isso, comecei a incrementar um pouco o jogo, trabalhando essas palavras de outra maneira.

Para trazer um pouco mais de interação, propus o desafio a elas, que seria de eu dizer a palavra e eles iriam formar com os dados, sendo que seria uma palavra que desse para montar com as sílabas presentes nos dados. Essa forma de brincar proporcionou uma maior interação, pois conforme elas iam procurando as sílabas, podíamos ir trabalhando os fonemas.

Bingo das sílabas



Fonte: criação da autora (2024)

O segundo jogo que veio para enriquecer significativamente o processo de alfabetização das crianças foi o do bingo. Ele tem a mesma finalidade do bingo das letras, que foi exposto na fase anterior, mas ao invés de letras, agora a cartela é com sílabas. Cada cartela do bingo continha uma seleção de sílabas, e assim se realizava o sorteio para ver qual criança que tinha a sílaba equivalente em sua cartela.



Fonte: criação da autora (2024)

O jogo do bingo trouxe uma euforia entre as crianças, possivelmente por ser um jogo que gera ansiedade, para saber se a sílaba dela seria sorteada. Diante disso, a interação tomou conta da sala, pois eles ficaram muito animados na hora de sortear. Quando sorteado, eu conversava com eles sobre aquela sílaba, qual era o som dela, e quais letras que faziam parte, e com aquela sílaba quais palavras poderíamos formar. Trocava também as vogais que tinham na sílaba, para que identificassem como uma consoante com outras vogais podem ter outros sons.

São diversos benefícios que o jogo contribuiu para as crianças, no quesito de ampliação para o sistema de escrita alfabética. O jogo pôde trazer benefícios envolvendo a consciência fonológica, incentivo a colaboração e a interação social, pois as crianças se ajudaram muito quando foi preciso a ajuda do outro para buscar palavras que tinham tal sílaba. Kishimoto argumenta sobre como essa interação se faz importante: “Sabemos que as experiências positivas nos dão segurança e estímulo para o desenvolvimento. O jogo nos propicia experiências de êxito, pois é significativo, possibilitando a autodescoberta, a assimilação e a interação com o mundo por meio de relações e de vivências” (KISHIMOTO, 1994, p. 26 apud RODRIGUES, 2013, p. 49)

A hipótese silábica alfabética vem proporcionar um maior entendimento entre grafema e fonema dentro das sílabas. As crianças que estavam nessa hipótese já tinham compreendido que as palavras são constituídas por sílabas e que as sílabas eram compostas por dois ou mais sons.

Os jogos aplicados tiveram como objetivo reforçar a consciência fonológica e praticar a leitura. Ademais, contribuíram para deixar o ambiente mais leve e acolhedor, em que as crianças participaram ativamente, interagindo e ajudando uma à outra.

As brincadeiras e os jogos têm o poder de contribuir e influenciar na formação das crianças. Eles possibilitam um crescimento repleto de ludicidade, e quando envolvido com determinados conteúdos, contribuem para um ganho significativo de conhecimento. Além de promover a interação social, eles contribuem para a transformação do meio. (Almeida, 1998)

Desenvolvimento do Grupo Alfabético

Os alunos que estão na hipótese alfabética tem como principal característica entender a função do fonema e grafema e sua principal funcionalidade, a escrita. O grande desafio que as crianças que estão nessa hipótese enfrentam é relacionado a escrita e ortografia. “Escrever ao ter alcançado uma hipótese alfabética é criar notações que contém muitos erros ortográficos.” (Morais, 2020, p. 64).

Rodrigues (2013, p. 43) cita Callai (1991) ao afirmar:

Na aprendizagem é necessário permitir, proporcionar e incentivar o indivíduo; nas suas relações, a criança aprende aquilo que interessa, o que lhe é necessário, e, por isso, o que lhe dá prazer. Sendo assim, a assimilação e a acomodação da criança ao meio devem ocorrer através do jogo, da aprendizagem lúdica.

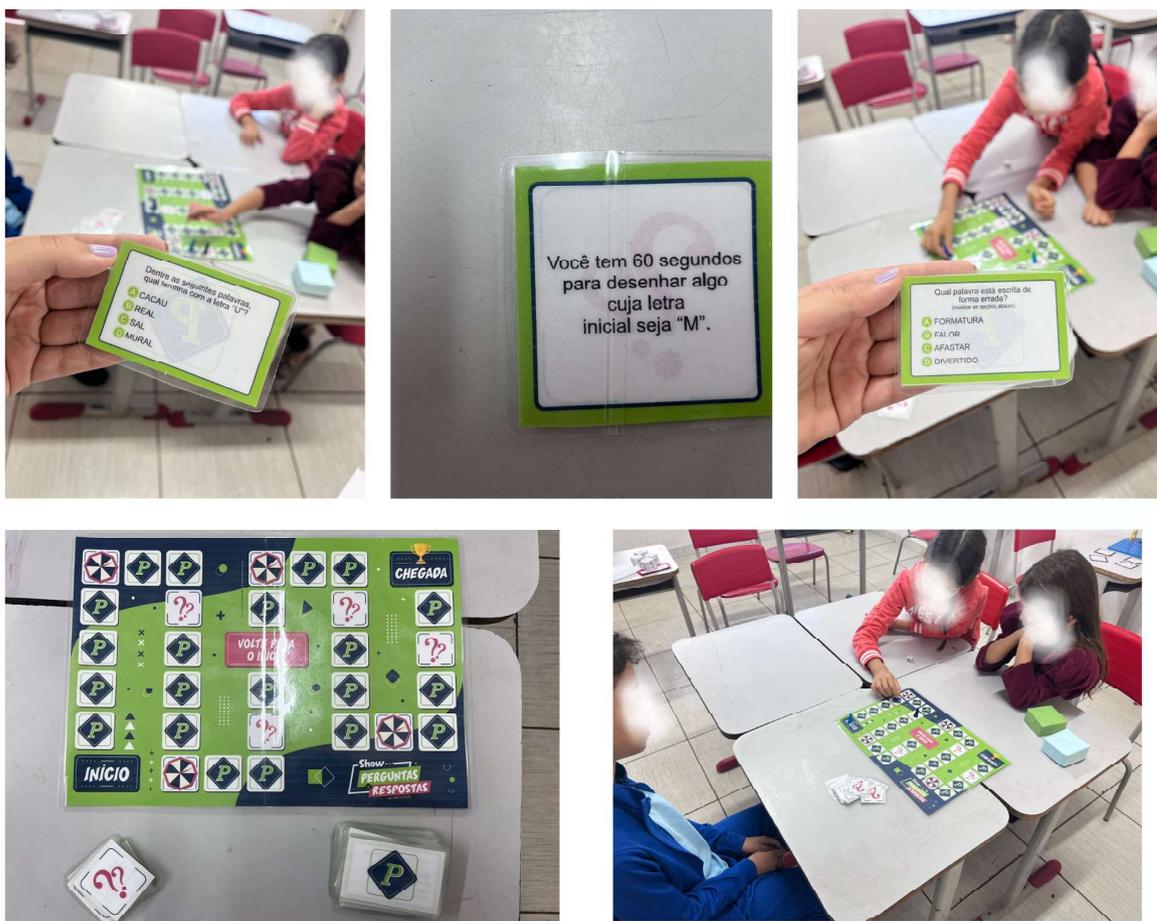
Com base nesse pensamento, busquei introduzir um jogo em que as crianças despertam o interesse. Um jogo de tabuleiro voltado para a alfabetização, que tem como finalidade atender às demandas pedagógicas de maneira envolvente e lúdica.

Show de perguntas e respostas

O jogo show de perguntas e respostas tem como objetivo focar mais na parte ortográfica das palavras. Para esse jogo é necessário um tabuleiro, cartas com questões relacionadas à ortografia, escrita e som das palavras, dados e pinos.

As crianças vão jogar um jogo de tabuleiro, só que um jogo de tabuleiro voltado para alfabetização. Eles jogam os dados, e o número que cair eles vão avançar pelas casas, onde parar eles fazem o comando que se pede. Os comandos são: responda uma pergunta, faça um desafio, avance tantas casas, volte tantas casas. O jogo acaba quando algum jogador chegar na linha de chegada.

Esse jogo tem como benefícios o reforço das aprendizagens, desenvolvimento da leitura e escrita, melhoria na ortografia, expansão do vocabulário.



Fonte: criação da autora (2024)

Focando em reforçar a compreensão ortográfica. O jogo foi escolhido para incentivar as crianças a utilizarem os conhecimentos adquiridos sobre a relação entre fonema e grafema, tendo como objetivo internalizar as regras ortográficas de forma lúdica, em que eles pudessem desenvolver uma confiança nas competências linguísticas.

As crianças tiveram a oportunidade de realizar um jogo de tabuleiro projetado para trabalhar as palavras e sua escrita. Durante a atividade, as crianças demonstraram estar envolvidas, assim proporcionando um ambiente interativo, principalmente quando elas tinham que fazer alguns desafios propostos pelo o jogo. Esse jogo proporcionou um ambiente lúdico, na qual as crianças puderam se divertir e aprender ao mesmo tempo.

Os jogos atrelados à alfabetização são de grande valia, pois como afirma Rodrigues (2013, p. 44)

Em turmas de alfabetização, é fundamental que a aprendizagem lúdica permeie todo o processo de construção da aprendizagem significativa, ou seja, os jogos e as brincadeiras devem estar presentes no cotidiano escolar, possibilitando às crianças aprenderem com alegria, entusiasmo e motivando-as a fazerem o que mais gostam e sabem fazer: brincar, emocionar-se, criar, sorrir, sonhar, viver coletivamente, aprender e crescer num desenvolvimento integral.

A ludicidade no ambiente escolar deve ser preservada, pois se faz essencial para o desenvolvimento da criança. Jogos e brincadeiras são ferramentas de mediação que facilitam para que o lúdico aconteça, proporcionando oportunidades ligadas a interação, a criatividade e o desenvolvimento cognitivo. Ademais, ele contribui para um ambiente acolhedor e estimulante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo identificar como a alfabetização pode ser desenvolvida por meio de jogos, de modo a torná-la lúdica. O questionamento central que norteou essa pesquisa foi “Quais estratégias podemos usar para realizar uma alfabetização e letramento com a presença da ludicidade?”. Tendo como objetivo geral de entender como a ludicidade pode ser inserida no processo de alfabetização e letramento em uma escola classe da rede pública, que utiliza como base a teoria da psicogênese, por meio do projeto interventivo.

Inicialmente, o trabalho teve início com a teorização sobre a temática abordada, explorando os conceitos de alfabetização e letramento, psicogênese da escrita e a alfabetização e ludicidade, para que assim, após esse embasamento, essa pesquisa fosse apresentada. Os procedimentos realizados revestem-se de significativa importância, pois tive a oportunidade de analisar, de forma satisfatória, como os jogos poderiam ser implementados, levando em consideração contextos, as hipóteses e as abordagens dos autores citados.

Desenvolver atividades de alfabetização numa escola em que o meio que ela está inserida não contribui para o processo educativo de forma lúdica, se tornou um desafio considerável, pois as crianças vêm de família que, muitas vezes, não podem dar o suporte que a criança precisa nessa fase de desenvolvimento da escrita.

Visando isso, busquei trazer para o meu trabalho uma estratégia que buscou ajudá-los de forma que eles sentissem o ambiente leve e acolhedor, para que assim a prática alfabetizadora fosse transmitida de maneira eficaz e lúdica, utilizando os jogos.

Os jogos foram escolhidos de acordo com as hipóteses da teoria da psicogênese: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética. Buscando atender as necessidades de cada uma das hipóteses, adaptei alguns jogos populares, tornando-os uma ferramenta pedagógica eficaz, que promoveu o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, através da ludicidade.

O objetivo do trabalho era buscar estratégias para tornar a prática alfabetizadora mais lúdica. O objetivo foi cumprido, pois foi possível ver o quanto um ambiente com ludicidade pode ser tornar um ambiente eficaz para a aprendizagem e como os jogos podem ser ferramentas pedagógicas eficientes.

Durante a observação da pesquisa aplicada, foi possível perceber que a estratégia de utilizar jogos atrelados à alfabetização foi de grande valia, pois por meio desses, um recurso lúdico, no campo da alfabetização, é perceptível observar o quanto as crianças aprendem brincando e o quanto elas ficam mais ativas e dispostas para o aprendizado, proporcionando então uma interação significativa.

O uso da ludicidade na prática alfabetizadora contribuiu para que as crianças pudessem se sentir à vontade e despertar o desejo de aprender, proporcionando um meio mais leve e tranquilo. A ludicidade pôde contribuir para que o aprendizado fosse transmitido e permitiu que as crianças fossem envolvidas no processo educativo.

Esse trabalho buscou desenvolver uma prática de alfabetização que incorporou o lúdico como princípio educativo, provendo assim, um ambiente de aprendizado mais engajador. As atividades realizadas não apenas estimularam a curiosidade e interesse das crianças, mas também facilitaram a compreensão dos conteúdos, tornando o processo de alfabetização mais prazeroso.

O processo de aplicação de pesquisa proporcionou uma interação rica em aprendizado, tanto para os alunos quanto para mim. Através da interação percebi que é possível realizar uma prática alfabetizadora com um ensino mais lúdico, em que os alunos se envolvam ativamente. Ademais, o processo de construção desse trabalho me proporcionou ensinamentos envolvendo a incorporação do lúdico, realçando que ele não apenas facilita a compreensão do conteúdo, mas estimula o interesse e a motivação dos alunos, tornando o meio educacional acolhedor e dinâmico. Trocar experiência e conhecimento com as crianças foi essencial para poder repensar as práticas pedagógicas que utilizo no dia a dia, fazendo buscar novas formas de ensinar, que valorize o desenvolvimento dos alunos e seu meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo de. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

ALMEIDA, Vitor Sergio de; DONIZETE, Karolina Santos. Os jogos e as brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil: A PRECEITUAÇÃO NOS DOCUMENTOS EDUCACIONAIS E A DISPOSIÇÃO TEÓRICA. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 46, 2021.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: cadernos de formação: apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASÍLIA. Secretaria de Estado de Educação do DF. Proposta pedagógica do Bloco Inicial de Alfabetização no DF. Brasília, 2006.

CENTRO DE ENSINO 40 DE CEILÂNDIA. Projeto Político Pedagógico 2023. Brasília: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2023. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/ppp_ec_40_ceilandia-1.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

ESCOLA, Nova. Aprender brincando: conheça estratégias para utilizar jogos na alfabetização. Nova Escola, 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21265/aprender-brincando-conheca-estrategias-para-utilizar-jogos-na-alfabetizacao>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. A Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.

HUIZINGA, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. 8a Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LEAL T. F., et al. Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 168 p.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e formação do educador. *Revista entre ideias*, Salvador, v.3, n. 2, jul./dez. 2014. p. 13-23.

MACEDO, Lino de e PETTY, Ana Lúcia Sícoli e PASSOS, Norimar Christe. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed. Acesso em: 21 ago. 2024. , 2005

MARCELINO, Nelson Carvalho. Estudos do lazer: uma introdução. São Paulo: autores associados, 1996.

MORAIS, Artur Gomes de. O sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

NASCIMENTO, Mari Clair Moro; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; OLIVEIRA, Anelise Martinelli Borges de. Formação docente: contribuições da diversificação dos instrumentos avaliativos. *Cadernos CEDES*, v. 24, n. 1, p. 149-164, 2022. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/comunic/v24n1/0104-8481-comunic-24-1-0149.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ROLOFF, Eleana Margarete. A importância do lúdico na sala de aula In: SEMANA DE LETRAS DA PUCRS, 10., 2015, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Edipucrs, 2015. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2024.

RODRIGUES, Lídia Silva. Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/14200/1/2013_LidiaSilvaRodrigues.pdf. Acesso em: 2 ago. 2024.

SANTOS, Élia Amaral do Carmo. O lúdico no processo ensino-aprendizagem 4., 2014, Barra do Bugres. Anais [...]. Barra do Bugres: UNEMAT, 2014. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/elia.pdf. Acesso em: 16 mai. 2024.

SOARES, Magda. Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

SOUZA, Hilma Januária da Silva. A RELEVÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13182/1/HJS01022019.pdf>.

Acesso em: 02 fev. 2024.

VIEIRA, Larissa de Souza; OLIVEIRA, Valdiléia Xavier de. A importância dos jogos e brincadeiras para o processo de alfabetização e letramento In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 5., 2011, Campo Mourão. Anais [...]. Campo Mourão: FECILCAM, 2011. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_v_epct/PDF/ciencias_humanas/21_VIEIRA_OLI_VEIRA.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

VILLAS BOAS, B. M. de F. A avaliação no Bloco Inicial de Alfabetização do DF. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd, Caxambu – MG: Anais. 29ª Reunião anual da ANPEd, 2006.

VILLAS BOAS, B. M. de F. Avaliação no Bloco Inicial de Alfabetização no Distrito Federal. Est. Aval. Educ. [online], 2007, vol. 18, n. 36, pp. 43 – 62.

VILLAS BOAS, B. M. de F. Projeto de intervenção na escola: mantendo as aprendizagens em dia. Campinas, SP: Papyrus, 2010.